

## **HOMENS E MULHERES DE SAL – UM RETRATO DAS COMUNIDADES DE PRODUTORES ARTESSANAIS DE SAL**

GABRIELA NOGUEIRA CUNHA<sup>1\*</sup>; ROGÉRIO TAYGRA VASCONCELOS FERNANDES<sup>2</sup>;  
RILKA CELLYS DA SILVA FERNANDES<sup>3</sup>; VALDEIR CARLOS ARAÚJO DE MEDEIROS<sup>4</sup>.

<sup>1</sup>Acadêmica em Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia, UFERSA, Angicos - RN,  
gabi2007nc@hotmail.com;

<sup>2</sup>Mr. Prof. Adj. da UFERSA, Angicos – RN, rogerio.taygra@ufersa.edu.br

<sup>3</sup>Acadêmica em Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia, UFERSA, Angicos - RN,  
rilka.cellys@yahoo.com.br;

<sup>4</sup>Acadêmico em Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia, UFERSA, Angicos - RN,  
valdeirpueira@gmail.com

Apresentado no

Congresso Técnico Científico da Engenharia e da Agronomia – CONTECC'2018  
21 a 24 de agosto de 2018 – Maceió-AL, Brasil

**RESUMO:** A produção salineira artesanal no estado do Rio Grande do Norte, é quase extinta, pois há poucas pequenas salinas que ainda se utilizam de instrumentos de trabalho simples na colheita do sal, limitadas apenas a acanhados centros nos municípios de Grossos, Mossoró, Areia Branca e Guamaré. Para a realização deste trabalho, foi realizado reconhecimento da região in loco e levantamento bibliográfico da área. Em seguida foram realizadas entrevistas semiestruturadas, onde foram ouvidos 36 homens e 04 mulheres, que trabalham na produção do sal, que focou em questões como o histórico da atividade e as principais dificuldades enfrentadas por essas pessoas. Foi apurado que a grande maioria dos salineiros iniciaram a atividade através de herança e a mão de obra é toda familiar. Os recursos para produção ainda são manuais e há muita dificuldade no meio do processo, sendo a mais comentada a relação da atividade com as condições climáticas. Além disso, as condições de trabalho são prejudiciais à saúde, uma vez que o processo de colheita manual expõe os trabalhadores a situações de insalubridade. Os salineiros mostram como caminhos de melhorar a atividade medidas como revitalizar a cooperativa, apoio dos representantes do legislativo e executivo, criação de um selo que diferencie o sal oriundo da atividade artesanal do sal da grande indústria, agregando valor ao produto do pequeno salineiro e ações de extensão e participação das universidades.

**PALAVRAS-CHAVE:** Produção artesanal de sal; Produção salineira.

### **MEN AND WOMEN OF SALT - A PORTRAIT OF THE COMMUNITIES OF SALT CRAFT PRODUCERS**

**ABSTRACT:** The artisanal saline production in the state of Rio Grande do Norte, is almost extinct, as there are few small salt pans that still use simple tools for harvesting salt, limited only to narrow centers in the municipalities of Grossos, Mossoró, Areia Branca and Guamaré. For the accomplishment of this work, was realized recognition of the region in loco and bibliographical survey of the area. Afterwards, semi-structured interviews were conducted, where 36 men and 04 women working in salt production were interviewed, focusing on issues such as the history of the activity and the main difficulties faced by these people. It was found out that the vast majority of the salineers started the activity through inheritance and the workmanship is all familiar. The resources for production are still manual and there is much difficulty in the middle of the process, being the most commented the relation of the activity with the climatic conditions. In addition, working conditions are detrimental to health, since the manual harvesting process exposes workers to unhealthy situations. The salineers show how to improve the activity measures such as revitalizing the cooperative, support of representatives of the legislative and executive, creation of a seal that differentiates the salt originating from the artisanal activity of the salt of the great industry, adding value to the small salineiro product and actions of extension and participation of universities.

**KEYWORDS:** Handicraft production of salt; Saline production.

## **INTRODUÇÃO**

O sal é um dos elementos mais utilizados no mundo, segundo o livro *Sal - Uma História do Mundo*, de autoria de Mark Kurlansky (2002), no século XIX a.C , aproximadamente, os chineses foram os primeiros a encarar a produção de sal como negócio, eles obtinham cristais de sal fervendo água do mar em vasilhas de barro. Por suas propriedades tão importantes e indispensáveis como: conservação e tempero dos alimentos, tratamento e conservação de couros , alimentação dos animais, assim como também no soro fisiológico utilizado no tratamento da falta de líquidos ou sal no organismo, o sal se tornou um dos itens mais cobiçados e caros desde então.

A palavra sal origina da palavra latina salis, deusa da saúde. Sua história está ligada aos acordos econômicos da história da humanidade, utilizado como moeda de troca em todo mundo por sua “raridade” naquela época. (Souto e Fernandes, 2005)

Na produção de sal no Brasil, era perceptível a presença de salinas naturais , mesmo antes da colonização dos europeus, sobretudo na região setentrional do país. Depois da invasão, as grandes salinas do Nordeste constituíram as descobertas dos europeus. Em meados 1500, iniciava a descoberta pelos portugueses do sal já separado da água pelo processo de evaporação, localizado no Rio Grande (Andrade, 1995), desenvolvendo-se em enormes várzeas, ocasionando a represa natural de água do mar e conseqüentemente cristalizando-se naturalmente.

Em meados do século XX, durante os períodos de colônia e império no Brasil, a economia do Rio Grande do Norte era impulsionada pelos setores agropecuário e extrativo, com destaque para o sal. (Trindade e Albuquerque, 2005).

Fernandes (1995), alude que nos anos iniciais da década de 1970 a modernização foi um grande marco para o parque salineiro do Estado, principalmente pela presença advinda de imensas unidades de produção salineira, que nos impactou com graves conseqüências sociais referentes à paralisação e abandono das médias e pequenas salinas. Segundo (Santos, 2010), a alta de emprego era uma das grandes adversidades da região, fazendo com que surgisse a alternativa da prática de carcinicultura, já praticada em outros países como o Japão, nas terras das salinas desativadas que somavam uma área de milhares de hectares.

Atualmente, a produção salineira artesanal no estado do Rio Grande do Norte, é quase extinta, pois há poucas pequenas salinas que ainda se utilizam de instrumentos de trabalho simples como pás e carros-de-mão na colheita do sal, limitadas apenas a acanhados centros nos municípios de Grossos, Mossoró, Areia Branca e Guamaré. No entanto, significam grande importância para a economia local, representação de patrimônio histórico, natural e arquitetônico ainda pouco reconhecido no país. Nesses núcleos é perceptível as técnicas de organização e administração característica dos primórdios dessa atividade.

Atualmente, a queda no preço do sal no mercado, a progressiva mecanização nas salinas e a admissão dos integrantes mais jovens das famílias em outros postos de trabalho têm colaborado para que a produção artesanal de sal seja uma alternativa acessória. Assim como outro fator que atrapalha a presteza da produção salineira, em conformidade com os produtores, é o complexo acesso às localidades e a deficiência de uma base apropriada.

No município de Grossos – RN, nos cernes salineiros do Córrego e do Boi Morto foram resgatados a influência e mérito histórico e cultural das salinas artesanais do Rio Grande do Norte.

Ainda segundo Silva (2015), existe uma real ausência de práticas que valorizem a importância da cultura e produção artesanal das salinas, sendo que deve haver mais conscientização ao que concerne a criação de políticas públicas que visem formas estratégicas de valorização e visitação feita por turistas, assim como a visibilidade de sua importância socioambiental e cultural.

De acordo com Araújo (2017) É notório que o governo não realiza o devido investimento na valorização e investimento para o que representa um importante patrimônio histórico, cultural e paisagístico da região, ainda que não sejam conhecidas e apreciadas como deveria pela própria população local. A conservação das pequenas produções artesanais de sal é frequentemente ameaçada pelas amplas empresas salineiras e devido ao caso de boa parte desses pequenos produtores não estarem com sua renda dependente integralmente dessa atividade, sendo empregada somente como fonte complementar de renda.

Geralmente, as famílias que trabalham na produção têm carga horária de dez a doze horas em todas as etapas da elaboração, ficando evidente as diferenças entre as salinas artesanais e as modernas: a forma de desenvolvimento de cada etapa, marcada principalmente pela mão de obra, onde há concentração desses trabalhadores, já que não há avanço tecnológico e desde meados do século XX é perceptível essa realidade. (Costa, 1993).

A produção artesanal de sal é considerada de baixa qualidade de acordo com indústrias químicas, pois justificam essa fala afirmando que esses produtores tradicionais provocam impurezas orgânicas e inorgânicas, e, que o grão de sal é pequeno e frágil, o baixo atributo desse sal, deriva do caso de a salmoura ser reutilizada quando advém pelo procedimento de recirculação ao longo de circuito de produção. (Costa et al, 2015).

## MATERIAL E MÉTODOS

### Local de Estudo

O artigo teve sua pesquisa realizada no litoral setentrional do Rio Grande do Norte, especificadamente nas redondezas das salinas artesanais localizadas no município de Grossos, situado na microrregião de Mossoró.

A cidade de Grossos possui aproximadamente 9.393 habitantes, e grande parte da sua economia gira em torno da indústria Salineira, onde parte da produção do sal é fornecida às indústrias alimentícias do País. Mas nota-se também no comércio a presença do artesanato na produção de figuras e objetos decorativos utilizando areias coloridas, sal colorido, búzios e outros materiais recicláveis.

### Procedimento Metodológico

Primeiramente se fez um reconhecimento da região *in loco*, e um levantamento bibliográfico da área por meio de artigos e trabalhos acadêmicos que nortearam e fundamentaram a pesquisa sobre o tema em questão.

Logo após foram realizadas entrevistas semiestruturadas, onde foram ouvidas 40 pessoas: 36 homens e 04 mulheres, que trabalham na produção do sal. A entrevista focou em questões como o histórico da atividade e as principais dificuldades enfrentadas por essas pessoas.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### Perfil dos entrevistados

De acordo com o levantamento dos dados obtidos através das entrevistas, e com os gráficos apresentados a baixo, nota-se um perfil característico, a grande maioria dos salineiros artesanais são homens, com idade um pouco elevada, a cima de 40 anos, e não possuem alto nível de escolaridade, pois poucos são os que apresentam nível médio completo e nenhum com nível superior completo ou incompleto, que deixa evidente a falta de acesso dessas pessoas à academia.

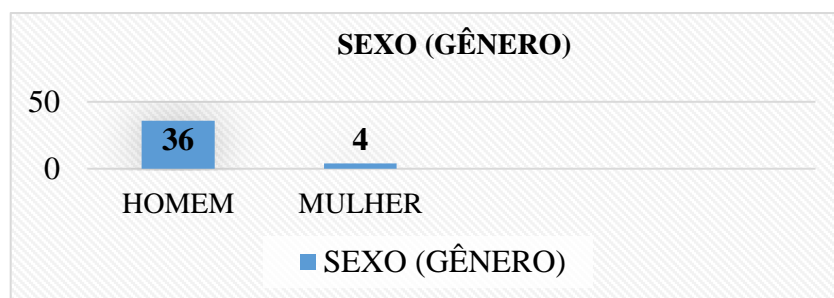


Gráfico 1 – Sexo (gênero) dos entrevistados

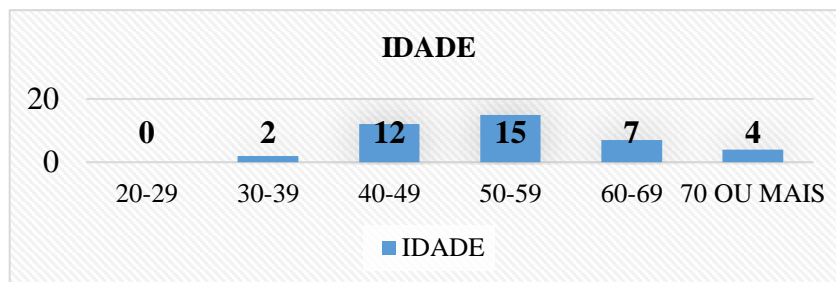


Gráfico 2 – Idade dos entrevistados

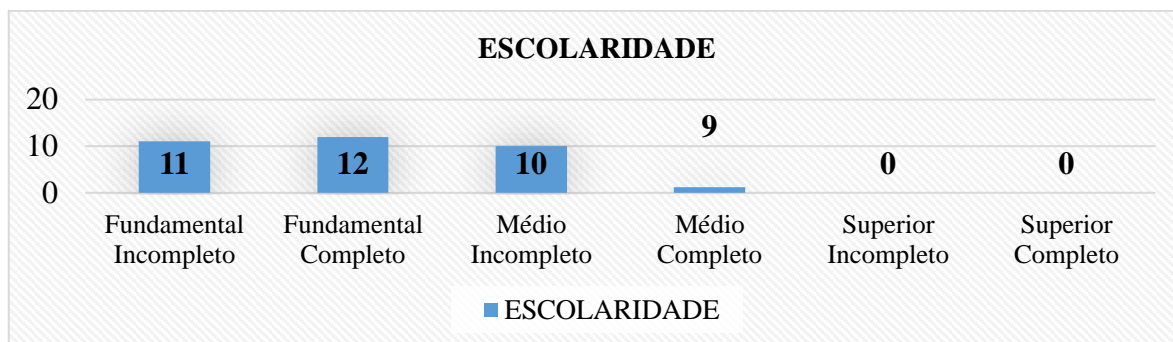


Gráfico 3 – Escolaridade dos entrevistados

### Origem

A grande maioria dos entrevistados herdou a salina de seus pais, que por sua vez herdaram de seus avós, comprovando que a produção artesanal de sal é uma herança da população local, também considerada um patrimônio histórico cultural. Isso muitas vezes torna o serviço mais prazeroso, o que se evidencia no fato da maioria dos donos se fazerem presentes diariamente nas salinas, e se disponibilizarem a realizar trabalhos de produção, além de acompanhar o desenvolvimento de cada etapa do processo produtivo. Estes, em sua maioria não empregam terceiros na atividade, utiliza quase que exclusivamente mão de obra familiar.

### Recursos

Diferentemente da produção de sal industrial (em grande escala) a forma de se produzir e colher o sal nas pequenas salinas familiares continua praticamente inalterada a mais de um século. Os pequenos salineiros não possuem recursos para aquisição de máquinas e, na maioria dos casos, continuam abastecendo suas salinas com auxílio de cata-ventos e realizando a colheita de forma manual, com o uso de pás e carros de mão. Eles utilizam de técnicas tradicionais e elaboradas até por eles mesmo, o que é perceptível pela estrutura das salinas e pela dinâmica de funcionamento do processo de produção.

### Dificuldades

As dificuldades relatadas são inúmeras, mas algumas são comuns a quase todos os entrevistados. A principal delas é a relação da atividade com as condições climáticas. Quando ocorre períodos de seca, ocorre a superprodução de sal, fazendo com que o preço caia bruscamente. Nos últimos 06 anos, com a seca que se abateu na região, o preço despencou de tal forma, que na grande maioria dos casos, o faturamento com a venda do produto é inferior aos custos de produção. Muitos salineiros relatam que preferem deixar o sal nos tanques, pois se colherem, estarão “pagando para trabalhar”. Outra dificuldade citada diz respeito a ausência de linhas de crédito para financiar a atividade. Segundo os salineiros, a atividade carece de enquadramento em uma categoria específica, impedindo que os produtores possam acessar linhas de crédito a exemplo do que é feito para a agricultura familiar. A falta de recursos de financiamento reflete por exemplo na falta de armazéns para o mineral, o que paralisa e dificulta o crescimento da atividade, pois dessa forma o sal é vendido in natura para as grandes salinas. Outra dificuldade seriam as condições de trabalho, já que são prejudiciais à saúde, uma vez que o processo de colheita manual expõe os trabalhadores a situações de insalubridade.

## Apoio

A mais de 30 anos existe a cooperativa dos salineiros de Grossos. Inicialmente a referida cooperativa conseguiu grandes avanços, o que incluía máquinas para colheita, e até um galpão para beneficiamento do sal colhido. Contudo, por razões econômicas e principalmente políticas, a estrutura adquirida pela cooperativa foi aos poucos sendo sucateada, e atualmente encontra-se em processo de recuperação judicial.

A maioria dos entrevistados reconhece o valor cooperativista, mas acreditam que, da forma como a cooperativa é gerida atualmente, infelizmente não há possibilidade de melhorias para atividade.

## CONCLUSÃO

Os salineiros mostram como caminhos de melhorar a atividade medidas como revitalizar a cooperativa, apoio dos representantes do legislativo e executivo, criação de um selo que diferencie o sal oriundo da atividade artesanal do sal da grande indústria, agregando valor ao produto do pequeno salineiro e ações de extensão e participação das universidades para que possam trazer melhorias em pesquisa e visibilidade do ramo.

## AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) e à Pró-reitoria de extensão pelo apoio e oportunidade de apresentar nosso trabalho.

## REFERÊNCIAS

- Andrade, M. C. de. O território do sal. Mossoró: Coleção Mossoroense, 1995.
- Araújo, Francisco Clésio Medeiros Dantas de. Produção do livro paradidático: Uma pitada de sal no ensino de geografia / Francisco Clésio Medeiros Dantas de Araújo. - Caicó, 2017. 143 f.: il. Relatório (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES).
- Costa, A. A. Tecnologia e desemprego: o caso da região salineira de Macau-RN. Natal: UFRN/CCHLA, 1993.
- Costa, D. F. S. et al. O sal de ontem e as salinas de hoje – análise da produção de sal marinho no Rio Grande do Norte. In: Albano, G. P.; Ferreira, L. S.; Alves, A. M. (Org.). Capítulos de Geografia do Rio Grande do Norte. v. 2 Natal: Ed., 2015. p. 38-63.
- Fernandes, G. M. O sal: economia em questão. Natal: UFRN/CCHLA, 1995.
- Kurlansky, Mark. Sal - Uma História do Mundo. São Paulo: Senac Sp, 2004. 461 p.
- Paiva, Uilson; Penna, Marcio. Império do sal. 2002. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/ciencia/imperio-do-sal/>>. Acesso em: 19 mar. 2018.
- Rute da Silva, A. Produção artesanal de sal marinho no litoral setentrional do Rio Grande do Norte. 2015, 79 f. Monografia (Graduação em Geografia Bacharelado) – Departamento de Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2015.
- Santos, P. P. Evolução econômica do Rio Grande do Norte (Século XVI a XXI). 3 ed. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 2010.
- Silva, Abigail Rute da. Produção artesanal de sal marinho no litoral setentrional do Rio Grande do Norte. 2015, 79 f. Monografia (Graduação em Geografia Bacharelado) – Departamento de Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2015.
- Souto, E. F.; Fernandes, C. H. C. A importância da indústria salineira do Rio Grande do Norte para a economia brasileira. Mossoró: Coleção Mossoroense, 2005.
- Trindade, S. L. T.; Albuquerque, G. J. Subsídios para o Estudo da história do Rio Grande do Norte. 2 ed. –Natal (RN): Sebo Vermelho, 2005.